

FILOSOFIA NA SALA DE AULA: HISTÓRICO E APRENDIZADO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Philosophy in the Classroom: Achievement and History of a University Extension Project

Dalton José Alves
Marcelo Senna Guimarães
Wesley Augusto Brust
Alessandra Barbosa Nascimento
Jacira Assis Souza
Mariana Maia Moreira
Eronдина Santos Araujo
Robert Lee Segal
Jocélia Souza
Rodrigo Volz

RESUMO

Apresentamos neste artigo o histórico do *Projeto de Extensão: Filosofia na Sala de Aula*, em vigor desde 2013, na UNIRIO, e os aprendizados da equipe envolvida na sua organização. O Projeto surgiu da necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o *ensino de filosofia* após a aprovação da lei que torna obrigatória a Disciplina Filosofia no currículo e tem por objetivo analisar a situação da filosofia no ensino médio, sua história e desafios atuais e a partir disto organizar eventos e cursos como forma de proporcionar aos professores e licenciandos, em especial de filosofia e de pedagogia, um espaço de debate, de revisão e aprofundamento filosófico-pedagógico para a reflexão conjunta acerca da constituição de pautas de ação para uma qualificada educação filosófica no nível básico de ensino.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Currículo – Ensino Médio; Formação de Professores – Filosofia;

ABSTRACT

The aim of this paper is show a case of Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) extension project called *Philosophy in the Classroom*, held since the year of 2013, and its achievement. The project is carried out as a possible way to acquiring knowledge about teaching philosophy after legislation has made it compulsory in high schools in Brazil, its history and framework. This paper has also the aim to add to how arranging events and workshops can make possible for teachers and philosophy students an opportunity for talking about methods and practices, as well as review and research on philosophy in basic education.

Keywords: Teaching philosophy; High school curriculum; Training of philosophy teachers;

O presente **Projeto de Extensão** está cadastrado como Projeto isolado, ou seja, não vinculado a um Programa, com o título “A filosofia como matéria de ensino na educação básica: por uma educação filosófico-pedagógica”. Posteriormente, com o andamento dos trabalhos ficou com a marca **Filosofia Na Sala de Aula**, pela qual atualmente o Projeto é conhecido nas redes sociais e dentre os profissionais da área.

Iniciamos o Projeto de Extensão com um estudo sistemático de alguns textos relacionados ao ensino de filosofia. Nossas reuniões eram divididas entre leitura e

debate dos textos e discussões sobre como poderíamos abrir o Projeto ao público, a partir dessas discussões resolvemos fazer mesas-redondas com pesquisadores da área sobre temas que poderiam interessar ao professor de filosofia do ensino médio.

A equipe inicial era constituída pelo coordenador professor Dalton Alves¹, por Wesley Brust² (Bolsista PROEXC/UNIRIO) e pelas professoras colaboradoras Jacira Souza³ e Mariana Moreira⁴. No aprofundamento teórico da equipe sobre a filosofia e seu ensino, estudamos os seguintes textos: ALVES (2002); CERLETTI (2003); GALICHETT (2000); GALLO, KOHAN (2000); LANGON (2000); OBIOLS (2002, 2003); PAVIANI (2008); RODRIGO (2009); RUFFALDI (2003).

Em março de 2013 abrimos os trabalhos previstos no cronograma das ações do projeto e passamos por um processo necessário de sensibilização da equipe para a importância do tema e dos problemas do ensino de filosofia no nível médio e para a compreensão do estado desta discussão em nível nacional. Foi um processo de revisão bibliográfica (leitura e seleção de textos) e de aprofundamento teórico na discussão sobre a história da implementação da disciplina de filosofia no currículo de ensino médio brasileiro, bem como em outros países, tais como: França, Itália, Uruguai e Argentina.

Esta preparação teórica de toda a equipe do projeto aconteceu ao mesmo tempo em que planejávamos as atividades do projeto, distribuíamos e executávamos tarefas que construiriam o curso “Filosofia na Sala de Aula – Curso de Extensão sobre a Filosofia e seu Ensino”, principal ação extensionista de 2013.

Terminamos em agosto de 2013 a leitura e discussão de todos os textos e já estávamos iniciando o curso “Filosofia na Sala de Aula”, supracitado. Neste momento a equipe já contava com mais quatro novos colaboradores: Alessandra Nascimento⁵, Robert Segal⁶, Erondina Araujo⁷, Jocélia Thomé⁸.

O curso, como todo o Projeto, teve como público alvo os docentes de filosofia em nível médio da região metropolitana do Rio de Janeiro e os discentes de filosofia e pedagogia. Nas inscrições, logo percebemos que pela variedade de

assuntos trabalhados nas mesas-redondas, o nosso público seria bem mais diversificado.

Os assuntos trabalhados nas mesas-redondas deveriam estar diretamente ligados ao ensino de filosofia, já que o objetivo do projeto era pensar a filosofia como disciplina no Ensino Médio, porém, muitos participantes vieram nos questionar dizendo que havia muita filosofia e pouca sala de aula. Na reunião de equipe esse assunto foi tema de pauta, nos questionamos se estaríamos ou não contribuindo para a formação desse docente. Logo percebemos que a formação não se faz só de teoria ou de prática, as duas coisas não são antagônicas, mas caminham juntas. Acreditamos que alguns professores queriam encontrar uma “receita de bolo” para dar aula de filosofia no Ensino Médio, quando na verdade a proposta era pensar em temas diversificados que pudessem ser trabalhados em sala de aula, e assim, a partir da teoria os professores deveriam construir um caminho na prática para encontrar novas respostas aos seus questionamentos.

O Curso foi realizado de 12/08 a 09/12/2013, quinzenalmente às segundas-feiras de 18h as 22h, no Auditório Paulo Freire, CCH/UNIRIO. As Mesas-Redondas com palestrantes convidados abordaram diversos temas filosóficos relacionados ao programa curricular do ensino médio e também debateram sobre o material didático e sobre a metodologia de ensino da filosofia. Com uma divulgação e uma execução apoiada em base digital através de um e-mail⁹, um blog¹⁰ e uma página no facebook¹¹ alcançamos um número surpreendente de 106 inscrições no curso vindas de diversas regiões do estado do Rio de Janeiro.

Durante o curso tivemos 10 encontros e na sua programação contamos com representantes de várias instituições de ensino superior do Rio de Janeiro e de São

Paulo que apresentaram contribuições para a reflexão sobre o desafio da Filosofia na Sala de Aula e debateram com os participantes, são eles e suas respectivas abordagens:

- Prof. Dr. Olinto Pegoraro (UERJ / SEAF) – “Filosofia, Ética e Bioética”;
- Prof. Dr. Dalton Alves (UNIRIO/SEAF) – “Notas sobre a filosofia e o filosofar na educação básica brasileira”.
- Prof. Dr. Hilton Japiassú [UFRJ] – “*Filosofia para quê?*”;
- Prof. Dr. Marcelo Guimarães [UNIRIO] – “*Questões sobre o livro didático de filosofia*”;
- Prof. Ms. Erondina Santos de Araújo – “*Sócrates: O educador emancipador*”;
- Prof. Dr. Mário José Dias (UNISAL/Lorena,SP) – “*Filosofia: Educação Política em Nietzsche e Arendt*”;

- Prof. Jacira de Assis Souza (SEAF) – *“Ética e Moral: Dialética Permanente no cuidado de si em Paul Ricoeur”*.
- Prof. Dr. Filipe Ceppas (UFRJ) – *“Filosofia e Emancipação”*;
- Bruno Tavares Assunção e Eduardo Macedo (UERJ) – *“O Ensino de Filosofia no Rio de Janeiro: um breve panorama” (LLPEFIL-UERJ)*;
- Profa. Dra. Angeli Rose – *“Experiências donjuanescas de leitura (sob o olhar de Soren Kierkegaard)”*;
- Prof. Dr. Luiz José Veríssimo (UVA/SEAF). *“Relação, alteridade, dialogicidade”*;
- Prof. Dr. Renato Nunes Bittencourt (Faculdade CCAA) – *“Autoritarismo social e opressão do trabalhador: Cálice e Construção de Chico Buarque”?*
- Prof. Dr. Charles Feitosa (UNIRIO) – *“Ensinando e Aprendendo Filosofia com Arte”*;
- Prof. Dr. Renato Nogueira (UFRRJ): *“Ensino de Filosofia e a obrigatoriedade de inserir História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Currículo”*;
- Prof. Dr. Nilton Anjos (UNIRIO): *“Filosofia e cultura brasileira”*;
- Prof. Dr. Ricardo Jardim Andrade (UFRJ): *“O ato de filosofar: da consciência dogmática à consciência crítica”*.
- Prof. Dr. Marcelo Andrade (PUC-Rio): *“Ética intercultural como fundamento para o ensino de filosofia”*;
- Prof. Dr. Renato Nogueira Jr. (UFRRJ). *“Filosofia através de desenhos animados e filmes: He-man, Simpsons, Matrix, Guerra nas Estrelas e O Clube da Luta”*;
- Profa. Dra. Valéria Wilke (UNIRIO) – *“O filme como texto na aula de Filosofia”*.
- Prof. Dr. Renê José Trentin da Silveira (UNICAMP) – *“Sobre algumas apropriações do referencial de Gramsci para o ensino de filosofia”*;
- Prof. Dr. Wanderley da Silva (UFRRJ) – *“O ensino de filosofia na EJA: práticas interdisciplinares”*;
- Prof. Dr. Olinto Pegoraro (UERJ / SEAF): *“A SEAF e a sua História”*;
- Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea (UNIRIO): *“Nietzsche e uma proposta educativa singular: ‘Chega a ser o que tu eres’”*.
- Profa. Dra. Rosa Maria Dias (UERJ) – *“Nietzsche e a Educação”*;
- Prof. Dr. Antônio Joaquim Severino (UNINOVE): *“Leitura de si pela leitura do mundo: refletindo sobre o sentido da formação filosófica no ensino médio”*;
- Prof. Dr. Walter Omar Kohan (UERJ): *“Filosofia e escola: tempo de pensamento?”*;
- Profa. Dra. Lídia Maria Rodrigo (UNICAMP) – *“Intermediação docente e acessibilidade filosófica”*

Com a utilização da internet, o curso e as palestras ganharam uma repercussão ainda maior, atingindo pessoas de todo Brasil. Os vídeos e fotos produzidos foram publicados em uma página eletrônica e divulgados no facebook e por e-mail.

No ano de 2014 passamos a contar na coordenação do projeto com a participação do prof. Dr. Marcelo Guimarães¹² (Filosofia/UNIRIO) e de mais um bolsista de Extensão (PROEXC/UNIRIO), estudante do curso de Filosofia, o discente Rodrigo Volz¹³,

reforçando o caráter de se trata de um projeto de extensão interdisciplinar de pedagogia e filosofia. Nesse ano realizamos o “Ciclo de Leitura Sobre a Filosofia na Sala de Aula” no primeiro semestre e no segundo semestre as “Oficinas sobre a Filosofia e seu Ensino”, além de termos participado, por meio de uma comunicação oral, do 6º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária/CBEU em Belém do Pará e da Semana de Iniciação Acadêmica da UNIRIO.

Após um período de reencontro da equipe organizadora, de avaliação das atividades anteriores e de programação das seguintes ações, resolvemos realizar um ciclo de leituras no primeiro semestre de 2014. Como objetivo desse ciclo, colocou-se que ele seria um primeiro passo para o aprofundamento de questões relativas ao ensino de filosofia e para a aproximação e adensamento do diálogo com professores e estudantes, de filosofia e de outras disciplinas, que constituíram o público-alvo. Os encontros do “Ciclo de Leitura Sobre a Filosofia na Sala de Aula” foram muito proveitosos e promissores. Do Ciclo de Leitura surgiu uma proposta de oficinas didáticas de filosofia, onde promoveríamos encontros para a elaboração e preparação de propostas didáticas a partir das demandas e das situações-problema dos professores e de suas práticas nas escolas.

O “Ciclo de Leitura Sobre a Filosofia na Sala de Aula” proporcionou momentos de compartilhamento de vivências e experiências da formação em filosofia, seja pela prática dos professores nas escolas, seja pela formação experimentada pelos estudantes nas universidades, seja pelo contato com outras experiências, incluindo a produção artística, a prática profissional da arquivologia (tema proposto por professora da área, que participou do ciclo), entre outras. As discussões e conversas passaram por vários temas, dos quais lembramos alguns: a questão do mito, da presença e da ausência dos mitos indígenas e amazônicos no imaginário dos alunos e de professores; a relação dos professores com as coordenações pedagógicas, a prática da coordenação pedagógica em filosofia; atitude e modos de abordagem didática e pedagógica do professor de filosofia; sentido de seu trabalho; relação com o currículo oficial, construção de um currículo na prática; desafios do ensino de filosofia em um momento de retorno à presença nas salas de aula e em um tempo de proposições de reformas curriculares.

As Oficinas buscaram proporcionar um aprofundamento de temas abordados nos semestres anteriores. Em particular, o tema da imagem e da arte relacionados ao ensino de filosofia. Estes temas foram desdobrados em três oficinas, tendo respectivamente Fotografia, Cinema e Arte como focos de

teorização e atuação. Para ministrar as três oficinas contamos com a contribuição de quatro professores/as: a Prof^a. Dr^a. Angela Santi (UFRJ), a Prof^a. Dr^a. Aline Monteiro (UFRJ), a Profa. Dr^a. Valéria Wilke (UNIRIO) e o Prof. Dr. Charles Feitosa (UNIRIO). Cada oficina teve a duração de dois dias e uma carga horária de 6h, acontecendo da última segunda-feira de agosto até a última de setembro.

Os temas tratados nas Oficinas foram: “Diálogos entre fotografia e educação” (Angela Santi e Aline Monteiro); “Filosofia e cinema” (Valéria Wilke); “A arte de ensinar filosofia com arte” (Charles Feitosa).

As mesas-redondas, o ciclo de leitura e as oficinas contam com uma atividade de registro e documentação realizada na forma de produção de vídeos e, principalmente, de fotografias. Esta atividade, realizada de forma espontânea pelos participantes do projeto, tem como objetivo documentar a realização dos eventos e colabora para possibilitar sua comunicação e seu conhecimento também pelas imagens. Para o desenvolvimento desse aspecto do projeto é importante aprimorar a capacidade e a instrumentação técnica dos participantes e articulá-la com as estratégias de comunicação virtual. Associado a este objetivo, queremos aprimorar a comunicação virtual do projeto pelo incremento do blog e da comunicação em redes sociais.

Podemos destacar algumas questões que se mostraram especialmente importantes nos diálogos encetados com os professores. Muitos foram os temas abordados nas mesas redondas realizadas em 2013, como se pode ver pelos títulos das falas elencados e pelos temas destacados anteriormente. Alguns desses temas foram escolhidos para constituir as leituras do ciclo: em especial, aqueles que dizem respeito à preparação do professor e às questões relativas à sala de aula. Com textos que abordavam esses e outros pontos, iniciamos as leituras e as conversas com os participantes, professores e estudantes. Nessas conversas surgiram temas e preocupações trazidas pelos participantes que tentamos compreender e desenvolver, buscando alternativas de compreensão e de ação para as situações descritas, que se configuraram como situações-problema.

No caso das “Oficinas sobre a Filosofia e seu Ensino”, pode-se ver que os temas das três oficinas realizadas se aproximam, pois tratam da imagem, da fotografia, do cinema e da arte. Tentamos organizar um conjunto de atividades que se movimentassem em torno de questões artísticas, em particular ligadas a artes visuais, como fotografia e cinema. A contribuição das diversas artes para o ensino de filosofia foi investigada por meio de reflexões e experiências específicas com a fotografia e o cinema, e também com reflexões e experiências relacionadas com a arte, de modo mais geral.

A partir dessas experiências vislumbramos a possibilidade de promover em 2015 oficinas relacionadas a outros temas que foram discutidos nos eventos promovidos pelo Projeto de Extensão. Por exemplo, o tema da Cultura, que envolve questões de cultura e história africana e brasileira, assim como a

relação da filosofia com as novas mídias e a comunicação virtual; o tema da Lógica e da Argumentação no ensino de filosofia, dentre outras possibilidades. Incluímos a seguir alguns trechos de depoimentos de uma participante e de membros da equipe do Projeto sobre como a sua presença e participação nas atividades contribuiu para a sua formação.

Depoimento 1:

A minha vivência nos cursos de extensão promovidos pelo grupo (desde a acolhida, a participação nas discussões propostas e a continua troca de informações) foi e ainda está sendo de extrema necessidade em minha prática docente, um verdadeiro “oxigênio” para nós, professores da rede pública, que agonizamos em meio a tantas adversidades. Pela primeira vez encontrei um espaço aberto à escuta (com sensibilidade) e discussão da prática de ensino de filosofia dentro da academia. Um ambiente verdadeiramente democrático, associando a teoria à prática (práxis). O diferencial dos encontros foi justamente a troca de experiências com aprofundamento teórico. Desta forma, pude obter subsídios que permitiram uma auto avaliação da minha prática como docente, trazendo novas questões e possíveis soluções.

Pude compartilhar os anseios da necessidade de um ensino de filosofia contextualizado às novas mídias e voltado para a vida cotidiana, sem perder sua profundidade. Como afirma Pierre Hadot (1999, p.17): *Não se trata de separar, de um lado a filosofia como modo de vida e, de outro, um discurso filosófico que será, de algum modo exterior à filosofia. Ao contrário, trata-se de mostrar que o discurso filosófico participa do modo de vida.*

E ainda, discutir a importância de um currículo básico que legitime a filosofia no ensino médio enquanto disciplina e a reivindicação de condições viáveis, por exemplo, o necessário aumento de carga horária.

Destaco também a possibilidade de acesso aos livros com preço acessível e a extrema generosidade dos professores e colegas em dispor de tempo e a partilha de informações. Na vida o tempo é o que há de mais importante, pois uma vez passado não volta jamais.

Agradeço ainda a confiança que depositaram em mim, o incentivo deixou marcas que renovaram a disposição e o entusiasmo na busca de desafios a percorrer em minha formação para a docência.

[Andreia Maciel / Professora de Filosofia no ensino médio]

Depoimento 2:

Meu nome é Jacira de Assis Souza, participo da equipe do Projeto como professora colaboradora desde seu início em março de 2013. Sou professora de Filosofia da rede pública do Rio de Janeiro, em Belford Roxo (Metropolitana VII). Tenho duas matrículas e trabalho em duas escolas. Sou professora de Filosofia desde 2005, licenciada pela UERJ. Inicialmente trabalhei como contratada (2005 e 2006). Fiz o concurso de 2007 e ingressei no Estado em

fevereiro de 2008. Atualmente curso o mestrado em filosofia na UERJ. Mas como, trabalhando e morando em Belford Roxo, cheguei ao projeto?

Conheci o professor Dalton, coordenador do projeto de extensão, na SEAF – Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas – instituição parceira do projeto, onde eu atuo como Secretária. Quando iniciou o projeto o professor Dalton teve a ideia de convidar alguém que estivesse trabalhando com Filosofia em sala de aula, a fim de que as atividades propostas pelo projeto estivessem em sintonia com a realidade do professor da Educação Básica. Um dia depois de uma reunião de diretoria da SEAF onde ele falou do projeto e nos propor parceria, ele me convidou a participar da equipe do projeto como professora convidada/colaboradora. Foi ótimo! Gostei muito de saber que ser professora da Educação Básica em Filosofia era o motivo principal do convite. Embora eu tenha gostado muito do convite, não posso negar que tenha sido algo totalmente inesperado, uma grata surpresa! Não sabia ainda como seria a minha participação, nem como e nem o que esse projeto acrescentaria a minha prática como professora. Estava ansiosa. Eu sabia qual era a expectativa do projeto para mim, mas o que eu esperava do projeto? Qual era minha motivação para aceitar o convite?

Desde que começara a lecionar Filosofia sentia necessidade de ter com quem conversar e trocar experiências. Eu me sentia muito só. Lecionar Filosofia se revelava um desafio renovado. Em 2011 fiz pós (*lato sensu*) em ensino superior, buscando estratégias para tornar as aulas interessantes e significativas para os alunos. Essa pós me ajudou, mas eu precisava de algo mais específico. Em todo canto creditam na conta do professor as dificuldades do aluno. Eu sentia necessidade de ter um espaço em que eu pudesse me avaliar, corrigir o percurso e alçar voo. A cada aula eu me desdobrava para que os alunos descobrissem um jeito de lidar essa disciplina nova no currículo. Queria que eles gostassem da disciplina e descobrissem como ela poderia ser importante para a formação deles. Vivia inventando. Normalmente meu Plano de Curso sofria grandes mudanças a partir do segundo bimestre, quando eu o ajustava às necessidades de cada turma. Mas, ainda me faltava um espaço para falar dos sucessos e para falar dos meus anseios profissionais de contribuir de alguma forma com a formação do meu aluno. Então, minha motivação em aceitar o convite do professor Dalton foi a busca desse espaço de reflexão didático-filosófica do ensino de Filosofia. E eu esperava que o projeto fosse este espaço.

Logo no início, no período da formação da equipe começamos a ler textos que tratavam das dificuldades que são inerentes ao exercício de ensinar Filosofia. Todos os textos foram de extrema importância, mas nenhum tão importante quanto o texto da profa. Lídia Rodrigo: *Filosofia em Sala de Aula* (RODRIGO, 2009), onde ela fala da necessidade de uma didática específica para o ensino de filosofia. Neste livro a professora Lídia nos apresenta e discute uma proposta de Didática da Filosofia. Ela diz que do ponto de vista instrumental a

didática da filosofia deve perseguir uma dupla finalidade: criar mediações pedagógicas que facilitem o processo de aprendizagem; promover a transição para a construção da capacidade de pensar com autonomia construindo, ele próprio, suas mediações com a filosofia. Essa dupla finalidade da didática filosófica me deu um caminho. A partir do encontro com este texto ao preparar as aulas eu tinha em mente não só uma aula que fosse interessante, eu tinha uma finalidade que eu poderia mensurar durante o processo (RODRIGO, 2009, p.25).

A garantia de que a implementação das metas almejadas se fará respeitando a especificidade do saber filosófico implica assegurar dois pontos básicos:

Quanto ao conteúdo: conferir centralidade ao texto filosófico. A leitura de alguns trechos ou excerto de textos filosóficos deve ocupar um lugar central no ensino, visto que somente esse convívio propicia, para além da mera informação, um efetivo exercício da reflexão filosófica, mediante o contato direto com o pensamento de determinado autor, conhecendo o interesse que o move em direção à pesquisa, suas indagações, bem como os argumentos que fundamentam e justificam suas teses;

Do ponto de vista formal: o método de acesso aos conteúdos deve comportar a aquisição de competências lógico-discursivas que sejam específicas e inerentes à natureza do saber filosófico, tais como problematizar, conceituar, argumentar. Tal especificidade só estará efetivamente assegurada se a aquisição dessas competências for exercitada sobre conteúdos de história da filosofia. (RODRIGO, 2009, p.35).

A esse ponto eu já me sentia pisando em solo mais firme, logo, mais confiante. Desde o início eu tive que lidar com a falta de motivação do aluno. O que fazer? Como trazê-lo para dentro da filosofia se não havia em muitos deles desejo, vontade de se envolver com as aulas? Nesta obra a professora Lídia Rodrigo responde estas perguntas sugerindo que se conceba “estratégias didáticas capazes de estabelecer alguma forma de relação entre esse saber e as referências culturais e experiências de que os estudantes já são portadores ao ingressar na escola [...] constituem uma espécie de ponte cognitiva que lhe permite articular o significado dos novos conteúdos conceituais” (RODRIGO, 2009, p.36)

Construir pontes cognitivas, trabalhar textos filosóficos e atentar ao modo como trabalhar o conteúdo conferiu à minha práxis uma maior qualidade. Trouxe-me mais alegria nos encontros e, por vezes, nos desencontros com os alunos. As aulas ficaram mais interessantes e os alunos, boa parte deles, mais interessados.

A partir daí eu me senti estimulada a construir o meu próprio método de ensino de Filosofia. Fazer parte do projeto potencializou a profissional que eu sou. Minha sincera gratidão ao prof. Dalton, ao prof. Marcelo, coordenadores do projeto, aos demais colegas colaboradores e membros da equipe do projeto os

quais contribuíram (contribuem) afetivamente e significativamente na minha constituição como uma professora a cada dia melhor. Obrigada a todos.

[Jacira de Assis Souza / Professora de Filosofia no ensino médio]

Depoimento 3:

Estou no quinto período de Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO, sou bolsista deste projeto de extensão, meu nome é Wesley Brust. Nosso coordenador, prof. Dalton, sempre que me apresentou aos demais colegas do projeto, lembrava que meu pai foi professor de filosofia, teólogo e que também fundou uma faculdade de filosofia em Macaé. Eu também me formei em teologia e agora penso em vir a ser professor de filosofia. Esta opção surgiu, obviamente, por força das experiências que tenho tido com o projeto de extensão. Por isso quero contar alguns episódios que vivenciei ao longo destes quase dois anos de atividade.

No dia que discutimos o texto “Filosofia e Educação, Filosofia da Educação: aproximações e distanciamentos” de Jayme Paviani (PAVIANI, 2008), eu havia anotado no rodapé de uma folha do texto o seguinte comentário: *por não pensar as questões orientais (Confúcio) criamos dois mundos*. Eu me referia a trechos iniciais do texto aonde se lê:

A educação, na perspectiva de uma antropologia cultural, antecede à filosofia e à ciência. Mas, a anterioridade social e histórica da educação dissolve-se com o surgimento da filosofia na Grécia antiga, e essa constatação apenas continua válida para as sociedades primitivas. A filosofia, nas sociedades civilizadas, determina os processos educacionais e [...] Na Grécia antiga, encontramos os poetas Hesíodo e Homero entre os primeiros educadores. O filósofo educador só aparece com a institucionalização do conhecimento filosófico. Paralelamente a isso, nesse processo histórico, a visão de mundo mítico-estética deixa espaço para o surgimento de uma concepção racional da realidade, até alcançar, em nossa época, múltiplas formas de racionalidade [...] Platão e Aristóteles tornam-se guias da civilização ocidental, seu pensamento ganha presença nas manifestações socioculturais, nas instituições e nos eventos econômicos, políticos, jurídicos e religiosos da estrutura básica da sociedade [...] Ela (a filosofia de Platão) integra dialeticamente a totalidade das manifestações culturais e institucionais, é anterior às distinções e setorizações do conhecimento e da ação humana das disciplinas modernas, filosóficas e científicas, que atendem às exigências epistemológicas e político-administrativas do conhecimento. Assim, a fragmentação e a especialização contemporâneas conduzidas por interesses econômicos e políticos, põem em estado de crise a unidade original do saber. (PAVIANI, 2008, p. 5-8).

Há vários conceitos que me incomodam nessas palavras iniciais do autor. O primeiro é o de “sociedades primitivas” em oposição ao de “sociedades civilizadas”, em segundo lugar a “concepção racional da realidade”, que encontra muita aceitação nas sociedades ocidentais e em terceiro lugar a ideia

de “crise na unidade original do saber” em paralelo a estes apontamentos. O meu questionamento neste encontro foi: porque as teorias e ideias orientais são chamadas de pensamento oriental enquanto as teorias e ideias ocidentais são chamadas de filosofia? Lembro-me de ter ouvido uma explanação muito dedicada e detalhada sobre a origem da filosofia, quando as pessoas se baseavam em mitos para agir. Alguns mitos eram inclusive criados para proteger riquezas e mercados de outros exploradores ou navegadores. Quando se falava, então, que havia um monstro de sete cabeças em determinada região do mar, era uma forma de impedir que as embarcações navegassem naquelas águas e encontrassem determinada ilha ou sociedade que permitiria negócios lucrativos. Esses mitos eram espalhados pelos poetas. A mitologia era a religião dos Gregos e a fonte de seu conhecimento, a filosofia surge então como contraponto a esse conhecimento mítico e religioso, surge com base na racionalidade. Falamos neste dia dos filósofos que muito beberam do pensamento oriental para sua produção, dentre os quais o filósofo Friedrich Nietzsche.

Passava na minha mente que o sensitivo, o estético também poderia contribuir com a elaboração dos conceitos e que, se não o utilizamos, talvez estejamos quebrando a unidade original do saber. Talvez me parecesse ocidental demais a filosofia para se propor a ser uma tentativa de um pensamento universal, coisas da cabeça de um aluno, um estudante. Eu não imaginava que essas questões surgiriam novamente, em outras etapas do projeto, amadurecendo ainda mais essas reflexões.

No dia 04 de novembro de 2013 tivemos na mesa redonda do nosso curso de extensão a participação do Prof. Dr. Renato Nogueira (UFRRJ), que falou sobre o “Ensino de Filosofia e a obrigatoriedade de inserir História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Currículo”. O Prof. Renato questionou a propriedade original da filosofia como sendo europeia, o nascimento da filosofia na Grécia. Ele mostra que em períodos anteriores tanto os povos ameríndios como os africanos já possuíam muitos saberes construídos, citando particularmente os egípcios na África e os Astecas no México. Apresenta também, como defesa, o fato de não haver nenhum local geográfico para o nascimento da música, da literatura ou da arquitetura e haver um local para a filosofia e esse local ser a Europa. Nogueira trabalha com uma ideia afroperspectivista e, como ele mesmo diz “a filosofia afroperspectivista é uma crítica à colonialidade do poder, ao epistemicídio, ao processo de invisibilidade das vozes que não são ocidentais” (NOGUEIRA, 2013). O trato que vem sendo dado à filosofia é eurocêntrico, discriminando o pensamento de autores africanos que surgiram antes dos pensadores gregos e que não são contemplados com o título de filósofos. O termo filosofia surgiu muito tempo depois do suposto nascimento da filosofia, mas só foi outorgado àqueles da linhagem greco-européia. Outro conceito trabalhado por Nogueira neste dia foi o de pluriversalidade. Existem muitas maneiras de se fazer música no mundo, a música clássica, o jazz e o samba

são apenas alguns exemplos da expressão pluriversal que a música tem. Da mesma forma não existe apenas a maneira europeia de se fazer filosofia, ou um formato universal para a filosofia. “O pluriversal é a reunião das universalidades, dos sistemas locais que se pretendem únicos, mas coabitam e coexistem com outros. É equívoco tomar a filosofia como sinônimo de sua versão ocidental.” (NOGUERA, 2013)

Na oficina “A Arte de Ensinar Filosofia com Arte” (22 e 29/09/2014), do Prof. Dr. Charles Feitosa (UNIRIO), ouvimos que os filósofos têm duas relações com a arte: ou simplesmente a ignoram ou, quando muito, se utilizam de imagens ou da arte para expressar algum conceito. Querem que a imagem, o filme, a música reforce uma ideia e para tanto instrumentalizam a arte. Ele defendeu, a meu ver com muita propriedade, que devemos trabalhar a filosofia com a arte e não utilizando a arte. A arte tem múltiplas interpretações, de acordo com o olhar de uma pessoa um filme que pretensamente se utiliza para atacar o racismo na sociedade pode ser interpretado como um filme racista! Essa multiplicidade de interpretação é que enriquece a arte e deve ser explorada pela filosofia. Entre um dia de oficina e outro, eu comecei a ler o livro da professora Terezinha Losada do curso de Pedagogia da UNIRIO, “A Interpretação da Imagem: Subsídios para o Ensino da Arte” (LOSADA, 2011). E qual não foi a minha surpresa ao encontrar nos parágrafos iniciais da introdução do livro esta explanação:

É curioso observar que, ao refletir sobre a experiência sensorial (experiência sensível ou estética), a tradição filosófica ocidental raramente esteve interessada na arte. Seu propósito, ao contrário, era formular teorias do conhecimento, teorias da ciência ou teorias políticas. A maioria das teorias estéticas é derivação dessas discussões filosóficas e nelas se inscrevem como contraponto negativo.

Confrontando a experiência sensorial e a experiência racional, os filósofos indagam sobre a origem do conhecimento e as condições para o discernimento da verdade. E, de modo geral, o *locus* do conhecimento e da verdade será atribuído à filosofia ou à ciência como representação racional do homem e do universo, e não às representações sensíveis realizadas pelas artes. (LOSADA, 2011, p. 13)

Estas são questões que ocupam meu pensamento desde o início das atividades com o projeto de extensão. E até acredito que nós, americanos do sul, estamos em local privilegiado para pensar as questões filosóficas de um prisma *pluriversal*, unindo ocidente e oriente, racional e sensorial explorando todos os pólos que manterão a unidade do saber. Nós, quase sempre, fomos observadores destes conceitos de mundo e de pensamento criados pelos colonizadores e pelo velho mundo, quase nunca nos sentimos parte do ocidente ou do oriente, quase nunca conseguimos ter a filosofia como nossa também. Pode ser uma ótima situação para um processo de coligação destes blocos do conhecimento.

[Wesley Brust / Estudante de Pedagogia / Bolsista PROExC-UNIRIO]

Depoimento 4:

Meu nome é Marcelo Guimarães, minha participação se deu desde as mesas redondas do segundo semestre de 2013, primeiramente na condição de convidado para apresentar uma comunicação. Esse pedido de formulação em um texto da experiência de alguns anos de atuação como professor de filosofia no ensino médio era um desafio. O modo de encarar esse desafio, naquele momento, foi restringir o assunto a um ponto específico: a questão do livro didático. A apresentação foi uma oportunidade de colocar em diálogo e debate as informações, impressões e avaliações reunidas em torno da prática do magistério e pela participação em comissão destinada a avaliar livros didáticos. O debate que se seguiu com a plateia e os demais integrantes da mesa levantou questões importantes, tanto em termos teóricos como práticos.

De um modo mais pessoal, a contribuição do projeto para minha formação passou por alguns dos seguintes caminhos: concebida em termos modernos, a formação é a relação, a fricção histórica da experiência no sujeito e na sua autocriação reflexiva. O desafio de escrever e de se comunicar foi proposto desde o início como forma de aproximação ao projeto. A questão do livro didático, por mim abordada inicialmente, ressoou no caminho que se percorreu a partir daí. José Ortega Y Gasset, sobre a biblioteca, afirma que esta é uma luta, esta é uma disputa. Em seu tempo, já percebe a enorme quantidade de publicações sobre os temas mais variados e sua ação sobre a cultura, em particular sobre a cultura conservada nas grandes obras, nas obras clássicas. A disputa se dá sempre na escolha daquelas obras que merecem ser lidas e também na escolha das obras que merecem ser *relidas*. Se a disputa se dá na leitura, ela se dá simultaneamente na formação. O livro didático, como produto da indústria editorial, é um objeto *kitsch*: compõe uma mistura de elementos clássicos e populares, mas de modo geral perde o vigor das criações em favor da uniformização e de uma padronização do discurso. A quantidade de livros vendidos, o estímulo à produção econômica e os lucros auferidos sobrepõem seu significado sobre os conteúdos disseminados – sejam eles quais forem. O valor se torna preço. A cultura se torna mercadoria. Pode-se questionar se os conteúdos perdem toda diferença, mesmo nesse caso. Veja-se o caso dos livros fortemente contestados por seu conteúdo e sua participação em planos governamentais. O exemplo da *Nova história crítica*, de Mario Schmidt (2008), é bastante eloquente. A disputa se dá em termos econômicos e em termos ideológicos. A cultura, campo da criação, da beleza, da fruição, é um campo de combate, de batalha, de luta, de disputa. Os monumentos de cultura são monumentos de barbárie. O ensino de filosofia, em seu aspecto institucional, também pode ser visto como uma *perda* da filosofia. Porém, por outro lado, é uma afirmação da filosofia. Será possível superar essa contradição? Ou será necessário caminhar sempre em meio a uma ou várias antinomias? Ou será

necessário sempre exercer o ensino de filosofia como uma atividade paradoxal?

**[Marcelo Guimarães / Professor Filosofia-UNIRIO /
Coordenador do Projeto de Extensão]**

Notas:

1. Prof. Dr. do Departamento de Fundamentos da Educação/Pedagogia/UNIRIO;
2. Discente de Pedagogia da UNIRIO e Bolsista de Extensão – PROExC/UNIRIO (2013-2014);
3. Licenciada em Filosofia/UERJ, professora de Filosofia da Rede Estadual e mestranda em Filosofia/UERJ;
4. Licenciada em Letras/UniverCidade; Graduada em Pedagogia/UNIRIO; Especialista em Filosofia/PUC-Rio;
5. Discente de Pedagogia da UNIRIO e Bolsista de Incentivo Acadêmico – BIA;
6. Discente de Filosofia da UNIRIO, doutorando em educação/UFRJ e bacharel em Direito/UCAM;
7. Licenciada em Filosofia/UERJ e Mestre em Educação/UERJ;
8. Graduada em Pedagogia/UERJ;
9. E-mail: ensinomedio.filosofia@gmail.com
10. Blog: <http://ensinomediofilosofia.wordpress.com/2013/08/25/87/>
11. Facebook: Filosofia na Sala de Aula
12. Prof. Dr. do Curso de Filosofia/UNIRIO;
13. Discente de Filosofia da UNIRIO e Bolsista de Extensão – PROExC/UNIRIO (2014);

REFERÊNCIAS:

- ALVES, Dalton. A filosofia no ensino médio: ambiguidades e contradições na LDB. Campinas, SP: Autores Associados; FAPESP, 2002;
- CERLETTI, A. “O ensino da filosofia e filosofia do ensino filosófico” (p.61-69). In: GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, M. Filosofia do ensino de filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- GALICHET, F. “A didática da filosofia na França: debates e perspectivas” (p.49-63). In: GALLO, S.; KOHAN, W. (orgs.). Filosofia no ensino médio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- GALLO, S.; DANELON, M; CORNELLI, G. (orgs.). Ensino de filosofia: teoria e prática. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2004.
- GALLO, S.; KOHAN, W. “Críticas de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio” (p.174-196). In: GALLO, S.; KOHAN, W.O. (orgs.). Filosofia no ensino médio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HADOT, P. O que é a filosofia antiga? Rio de Janeiro: Loyola 1999.

LANGON, M. “Apresentação da educação filosófica no Uruguai” (p.64-77) In: GALLO, Sívio; KOHAN, Walter (orgs.). Filosofia no ensino médio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LOSADA, Terezinha. A interpretação da Imagem: subsídios para o ensino de arte. Rio de Janeiro: Mauad X /FAPERJ, 2011.

NOGUERA, Renato. “O conceito de drible e o drible do conceito: analogias entre a história do negro no futebol brasileiro e do epistemicídio na filosofia”. In: Revista Z Cultural. Rio de Janeiro: PACC/UFRJ/Faculdade de Letras; CNPq/FAPERJ. Ano VIII, Número 02, 2013. [ISSN: 1980- 9921]. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-conceito-de-drible-e-o-drible-do-conceito-analogias-entre-a-historia-do-negro-no-futebol-brasileiro-e-do-epistemicidio-na-filosofia/> Acesso em: 20/10/2014.

OBIOLS, G. “O ensino de filosofia na Argentina: apresentação, problemas e perspectivas” (p.115-133). In: GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, M. (orgs.). Filosofia do ensino de filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

OBIOLS, G. Uma introdução ao ensino de filosofia. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2002.

PAVIANI, J. “Filosofia e educação, filosofia da educação: aproximações e distanciamentos” (p. 05-21). In: DALBOSCO, C.; CASAGRANDA, E.; MÜHL, E. (orgs.). Filosofia e pedagogia: aspectos históricos e temáticos. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

RODRIGO, L. Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

RUFFALDI, E. “O ensino de filosofia na Itália” (p.134-150). In: GALLO, S.; CORNELLI, Gabriele; DANELON, M. (orgs.). Filosofia do ensino de filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SCHIMIDT, M. Nova história crítica. – 6º. Ano, 5ª. série. São Paulo: Editora Nova Geração, 2008.